



A LUTA SECUNDARISTA DE 2016: RESISTÊNCIA E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

JULIA CLASEN¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – clasenjulia1@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se refere a pesquisa de mestrado em andamento na qual são realizadas reflexões sobre o movimento estudantil secundarista articulado no ano de 2016 no Brasil e reconhecido como Primavera Secundarista. Tal movimento se articulou frente aos ataques e retrocessos sociais que estavam e estão em curso, com significativa ofensiva ao campo da educação. Após golpe parlamentar que resultou no impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) e posse do, então, vice presidente Michel Temer (PMDB), um conjunto de medidas com ameaça a serviços públicos e direitos sociais é implementada. Representam um cenário de intensificação dos ataques, que, não se encerrariam naquele momento, mas, traçam um longo período de retrocessos sociais que se estendem até o presente.

Frente a conjuntura apresentada em 2016, as/os secundaristas articulam um movimento que intenciona barrar as ameaças em curso. No entanto, não é suficiente analisar as vitórias pontuais do movimento naquele momento político, pois a ação coletiva das/os estudantes apresenta resultados mais intensos na organização escolar e social, que perpassam tanto a permanência do movimento no imaginário das/os estudantes participantes de sua organização, quanto interferências na construção do repertório de ação do conjunto dos movimentos sociais. Nesse sentido, a pesquisa aqui retratada, almeja compreender as possibilidades de ação e transformação da atual estrutura dominante por meio das resistências travadas, formadoras de um processo coletivo de questionamento da realidade. Mais especificamente, procura-se refletir sobre o processo de consciência política das estudantes mulheres que participaram da articulação do movimento Primavera Secundarista na cidade de Pelotas/RS.

A escolha do desenvolvimento da pesquisa com as estudantes mulheres que ocuparam suas escolas se justifica pelo protagonismo feminino na articulação e linha de frente do movimento. Além da força encontrada em um espaço de narração de suas histórias de resistência, construído por mulheres, jovens, que compartilharam de uma vivência de luta significativa à sua formação.

Também é levantada a possibilidade de refletir o processo de consciência política das estudantes que participaram do movimento de ocupação no ano de 2016, a partir do Modelo de Análise da Consciência Política proposto por Salvador Sandoval (SANDOVAL, 2001 apud SANDOVAL; SILVA, 2016). Este autor propõe sete dimensões psicossociais para compreensão da consciência política. São elas: identidade coletiva, crenças e valores sociais, adversários e interesses antagônicos, eficácia política, emoções/ sentimento de justiça e injustiça, metas de ação coletiva e vontade de agir coletivamente. Essas dimensões se relacionam entre si, e a partir desta relação dão forma a ação coletiva ou individual de sujeitos.

Em diálogo com tal proposição, compreendo a possibilidade de interpretação da consciência política das estudantes que participaram do

movimento, como uma das formas do Processo de Consciência (IASI, 2011), e parte do processo de formação destas como sujeitos históricos, que, ao compreenderem-se como tal, constituem também a sua atuação como interferente na sociedade e no curso das relações sociais. Desta forma, a atuação das estudantes que ocuparam suas escolas é interpretada a partir deste entrelaçamento entre aquilo que representou o movimento quatro anos atrás e o quanto da ação formou estas estudantes, percorrendo as permanências e transformações que decorrem da inserção destas na ação coletiva, e sobre a expressão da participação nas ocupações em sua experiência militante.

2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, de cunho exploratório. Como desenho, adota-se os Círculos Epistemológicos (ROMÃO; CARRÃO; COELHO, 1989), concepção que decorre dos Círculos de Cultura de Paulo Freire (1983) e que toma o Diálogo como ferramenta de superação da hierarquização do conhecimento, bem como possibilidade de investigação e interpretação da realidade. É também ferramenta central na composição de um processo de conhecimento e conscientização coletivo, consecutivo do próprio encontro de saberes presente nos Círculos.

Com tal fundamentação epistemológica e metodológica, foram realizados cinco encontros no período de um ano e cinco meses, com quatro estudantes participantes da ocupação do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL)/ Campus Pelotas. Com duração de cerca de 1h30min cada encontro, foram levantadas questões geradoras do debate, que perpassavam tanto a articulação da ação coletiva na sua escola, como a sua formação política, e os significados desta atuação na sua vivência. No último encontro, realizado um ano e cinco meses depois do primeiro encontro com este grupo, foram apresentadas as categorias de análise, levantadas a partir das narrativas das estudantes. Ao estarem propensas de uma interpretação coletiva, demonstram também, a possibilidade de novas reflexões e um processo de conscientização sobre a própria ação política ali investigada.

Além dos encontros já realizados, estão sendo traçados, a partir da rede de contatos desse grupo, novos encontros com estudantes que ocuparam outras escolas na cidade. Procura-se, assim, abranger escolas de diferentes localidades e realidades sociais, no desejo de analisar a experiência de ocupação a partir das diferentes expressões do espaço escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposição de interpretar o processo de consciência política das estudantes que participaram do movimento de ocupação, perpassa o entendimento de algumas categorias teóricas que constituem o repertório de ação coletiva do movimento (TILLY apud ALONSO, 2012) e a representação desta luta na sociedade. Significa reconhecer o protagonismo das ocupações, como aspecto fundante das linhas de atuação e da resposta social ao movimento, que envolveu ações repressivas direcionadas no sentido de desarticulação das ocupações, conduzidas pelos diferentes agentes sociais que compõem a escola, desde o Estado até a relação com outros estudantes defensores de uma ideologia conservadora.

A resposta da sociedade ao movimento de ocupação, foi também uma resposta ao sujeito protagonista da luta travada a um movimento protagonizado



por estudantes, mulheres, jovens, em uma luta contra políticas neoliberais condutoras da escola. O Estado e a sociedade respondem ao movimento a partir da representação deste sujeito de luta e pelo teor da resistência travada, uma resposta, portanto, conduzida pela aversão ao sujeito jovem e mulher que nega a concepção social definidora desta como imatura e inconsequente, e, também, as determinações sociais misóginas que desqualificam a mulher para a luta política.

A partir da desqualificação desse sujeito, que é socialmente determinado enquanto “incapaz”, é estabelecida a leitura social diante dos seus atos de resistência. A luta do jovem não é reconhecida e, para além disso, é passível de controle e punição, na medida em que este adota uma postura de desvio da ordem e da atuação que lhe é esperada. (ACCORSSI; NETTO; CLASEN, 2019, p. 91-92)

Assim, o enfrentamento que o movimento constituiu, foi também direcionado aos limites da sua atuação na sociedade, ultrapassando aquilo que lhe é determinado na construção de um outro espaço. As/os estudantes ao ocuparem e reivindicarem o espaço escolar como seu, também assumiram um conjunto de proposições para este, desde a reformulação do seu cotidiano, como no enfrentamento de relações opressivas que fundamentam sua estrutura.

A luta travada era contra as medidas de sucateamento e ameaça em curso, mas era também pela transformação do espaço que já existia. Nas palavras de uma estudante que participou desta pesquisa e ocupou o IFSUL/Campus Pelotas: *“era um lugar muito tradicional antes da ocupação, era um lugar muito tradicional, muito fechado. Meio que elitista também, machista, e ocupar era, ... não era só pela PEC sabe? Era um ato político muito além disso”* (Ana, 2019).¹ Ao ocupar suas escolas as/os secundaristas assumiram também a luta pela transformação daquele espaço, abriram a escola para a comunidade e propuseram outras relações de ensino que deixariam marcas mesmo após a desocupação do prédio.

Vivenciar este movimento significou para muitas estudantes a primeira experiência militante, e seria apenas a introdução de uma vida de indignações e da inserção destas em outros movimentos de luta. Aspectos da organização estudantil vivenciada na ocupação trouxeram questionamentos, que permaneceriam até os dias de hoje (quatro anos após a ocupação) e que fundamentam a sua inserção na luta política.

Conforme uma estudante traz, ter vivenciado a organização coletiva do espaço de ocupação, foi afirmação da necessidade de construir uma luta coletiva na sua vida: *“Eu acho, que a organização da ocupação e a forma como a gente se organizava tem uma culpa muito grande nisso das pessoas se organizarem após ocupação, de ver que é necessário. Acho que a ocupação tem um peso nisso também”* (Angela, 2019), uma necessidade política que insurge da vivência da ocupação e que permanece mesmo com o encerramento daquela ação.

Assim, é possível perceber como as dimensões propostas pelo Modelo de Análise da Consciência Política percorrem as falas das estudantes e, no momento de análise destas narrativas, é identificado o entrelaço das dimensões que formam o engajamento das estudantes no movimento. Um movimento que mesmo com diferentes emoções de medo, e com as ameaças que atravessavam sua ação, permaneceu por cerca de dois meses e por mais tempo no imaginário das/os estudantes, a partir da coesão do movimento e articulação política fundada em um sentimento de coletividade e da identificação daqueles/as enquanto grupo político.

¹ Os nomes das participantes da pesquisa são nomes fictícios.

Conforme trazido por Sandoval e Silva (2016) para a eficácia política da ação coletiva, é preciso que, aqueles que dela participam saibam contra o que lutam, e o sentido da sua luta. Questão possível de perceber na narrativa das estudantes: *“a gente só iria sair se a PEC fosse barrada né, e a gente estava levando aquilo muito a sério, e pra nós não fazia sentido sair se a PEC ainda estava rolando(...).”* (CLARA, 2019). As estudantes sabiam contra o que lutavam, e o sentido da sua luta foi mobilizadora do engajamento e articulação da ação, assim como, impulsionador delas em ações políticas posteriores.

4. CONCLUSÕES

Refletir a ocupação secundarista, significa adentrar um movimento que demarcou a formação de sujeitos jovens, que vivenciam hoje uma conjuntura política de necessária resistência e articulação de um repertório de luta. Assim, é também meio de pensar nossas ações e questionar as possibilidades de articulação e conscientização coletiva frente a este cenário. Foi um movimento que trouxe aprendizados e propôs também o aprendizado com outras lutas.

A ação travada pelas/os secundaristas no ano de 2016, foi ato que permaneceu e apresentou questionamentos que afirmavam àquelas/es sujeitas/os a necessidade de travar enfrentamentos, não apenas naquele momento pontual, mas ao longo de outros processos de luta que lhes acompanhariam. Desta forma, é viável a compreensão deste como movimento formativo do processo de consciência política das/os estudantes, como ação que possibilita o questionamento e introduz um conjunto de crenças sobre a sociedade, reformuladas ao longo da inserção destas/es em outros movimentos sociais, e, que instauram a necessidade de enfrentar aquilo que lhes revolta e de organizar a sua revolta em luta política.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCORSSI, Aline; NETTO, Livian Lino; CLASEN, Julia Rocha. Discurso de ódio acerca do jovem: “chama a BM e desce o sarrafo nesse bando de playboy desocupado”. **Revista Temáticas**. V.27, n.54, p. 73-94, Campinas, SP, ago/dez. 2019.
- ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Revista Sociologia e Antropologia**. v.02.03: 21-41, 2012.
- IASI, Mauro Luis. **Ensaio Sobre a Consciência e a Emancipação**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo; COELHO, Edgar. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Linguagem**. PPGE: UMESP.V. 1, n.1. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.
- SANDOVAL, Salvador; SILVA, Alessandro Soares da. O Modelo de Análise da Consciência Política como Contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In.: HUR, Domenico Uhng; JÚNIOR, Fernando Lacerda (orgs.). **Psicologia, Políticas e Movimentos Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.